

ESPERANÇAR: O PROTAGONISMO DAS MULHERES E A LUTA POR SOBREVIVÊNCIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA PINGUELA EM AMÉLIA RODRIGUES – BA

HOPE: THE ROLE OF WOMEN AND THE STRUGGLE FOR SURVIVAL IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF PINGUELA IN AMÉLIA RODRIGUES – BA

ESPERANZA: EL PAPEL DE LA MUJER Y LA LUCHA POR LA SUPERVIVENCIA EN LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE PINGUELA EN AMÉLIA RODRIGUES – BA

Tainara Margarida Rodrigues Moraes¹⁶

Resumo: A comunidade da Pinguela está localizada no município de Amélia Rodrigues, Bahia. Região que geograficamente integrava o Recôncavo baiano, responsável durante os períodos colonial e imperial pela prosperidade na produção do açúcar. O presente artigo objetiva-se investigar o processo de (re)criação da identidade territorial e cultural da comunidade quilombola da Pinguela, sob uma perspectiva de gênero ressaltando o protagonismo das mulheres na construção de identidade territorial da comunidade através das suas narrativas orais.

Palavras-chave: Mulheres quilombolas; Identidade; Tradições; Território.

Abstract: The community of Pinguela is located in the municipality of Amélia Rodrigues, Bahia. Region that geographically integrated the Bahian Recôncavo, responsible during the colonial and imperial periods for the prosperity in the production of sugar. This article aims to investigate the process of (re)creation of the territorial and cultural identity of the quilombola community of Pinguela, from a gender perspective, emphasizing the role of women in the construction of the territorial identity of the community through their oral narratives.

Keywords: Quilombola women; Identity; Traditions. Territory.

Resumen: La comunidad de Pinguela está ubicada en el municipio de Amélia Rodrigues, Bahía. Región que integraba geográficamente el Recôncavo Bahiano, responsable durante los períodos colonial e imperial por la prosperidad en la producción de azúcar. Este artículo tiene como objetivo indagar el proceso de (re)creación de la identidad territorial y cultural de la comunidad quilombola de Pinguela, desde una perspectiva de género, enfatizando el papel de las mujeres en la construcción de la identidad territorial de la comunidad a través de sus narrativas orales.

Palabras clave: Mujeres quilombolas; Identidad; Tradiciones; Territorio.

Introdução

A pesquisa se debruçou sobre ações dos sujeitos no processo de (re)criação da identidade territorial e cultural da comunidade de Remanescentes de Quilombo da Pinguela, em Amélia Rodrigues – Ba. Considerei que esta região geograficamente integrava o Recôncavo

¹⁶ Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) / protainara@gmail.com

baiano, responsável durante os períodos colonial e imperial pela prosperidade na produção do açúcar.

O objetivo principal foi investigar o processo de (re)criação da identidade territorial e cultural da comunidade quilombola da Pinguela, sob uma perspectiva de gênero ressaltando o protagonismo das mulheres na construção de identidade territorial da comunidade através das suas narrativas orais.

Portanto, como procedimento metodológico, a História Oral registra impressões, vivências, lembranças dos sujeitos que compartilham sua memória, possibilitando um conhecimento vivido, que de certo modo, as fontes documentais escritas não possibilitam. Neste sentido, o trabalho com a oralidade permite possibilidades de ampliar nossos conhecimentos entre a relações história e memória. Portanto, a História Oral, enquanto metodologia e prática no campo da história, aborda e reconhece as trajetórias dos indivíduos e dos grupos considerados minorias e das peculiaridades das sociedades.

Em termos de opção política vivencial, esta pesquisa buscou, através das memórias dos moradores da Comunidade de Quilombola da Pinguela, contribuir para que esses sujeitos se compreendam enquanto agentes históricos de sua própria história, ao valorizar suas memórias individuais e coletivas sobre o passado e o presente em relação ao início e continuidades da comunidade.

Quanto ao aporte teórico utilizo alguns conceitos de análise da História Social inglesa a partir das proposições de E.P. Thompson (1998) quanto aos costumes, as experiências e o tempo histórico.

Na comunidade da Pinguela, o protagonismo feminino se faz presente nas narrativas dos sujeitos, histórias contadas de geração para geração sobre a povoação inicial do lugar. Segundo o mito de origem, a mesma se deu a partir da chegada de uma “escrava fugida” fundadora da comunidade, corroborando outras narrativas semelhantes que destacam o protagonismo feminino via a existência mítica de uma ancestral feminina. Um dos trabalhos com este enfoque e que utilizei metodologicamente é o de Carmélia Miranda (2014) que encontrou narrativa similar ao investigar o quilombo de Tijuacu, na região de Senhor do Bonfim, no estado da Bahia.

Historicamente, a Pinguela constitui-se numa comunidade negra rural, compostas por atributos igualitários a tantas outras espalhadas por todo o Brasil. Mas, destaca-se na cidade de Amélia Rodrigues-Ba, pois é a única autodeclarada como quilombola, mesmo outras comunidades rurais possuindo características semelhantes.

A investigação efetuada na região deste município permitiu identificar nas suas comunidades rurais que várias outras localidades se enquadram na categoria de *quilombo contemporâneo*, a partir de aspectos visíveis em suas estruturas paisagísticas, estrutura física ou origem de fundação. São comunidades rurais compostas majoritariamente por uma população negra, que se constituíram no entorno dos antigos engenhos da cidade. Contudo, inexistem na maioria destas a autodeclaração como *quilombos contemporâneos* por parte dos moradores dessas localidades.

Em sua pesquisa referente aos escravos e libertos na Bahia, durante o período de pós-emancipação Walter Fraga (2006), investigou caminhos trilhados pelos egressos da escravização no Recôncavo da Bahia. Para ele, muitos egressos desse sistema permaneceram nas proximidades dos antigos engenhos, e depois transformaram-se em comunidades negras rurais.

Para Flávio Gomes (2015), em pesquisa sobre quilombos e mocambos enquanto espaços de sujeitos negros, “através de arranjos de moradias, trabalho e parceria, as primeiras gerações de libertos tentavam reconstruir territórios para si e suas famílias” (GOMES, 2015, p. 126). Conforme este historiador, uma dessas experiências foi o “pacto paternalista”, tratava-se das permanências dos libertos nas mesmas fazendas em que eles, seus pais e seus avós tinham sido escravos, e assim continuavam “agenciando roças, autonomia e direitos costumeiros no uso da terra” (GOMES, 2015, p. 126).

Neste artigo, tratarei sobre as atividades desenvolvidas por Dona Rita, que visa a manutenção das tradições e disputa e permanência em seus territórios; a criação e institucionalização da Associação de Remanescentes de Quilombo da Pinguela – ARQP, a qual possibilitou a integração de projetos socio-comunitários agrícolas; e o cotidiano das plantações desenvolvidas na comunidade, evidenciando a forte participação das mulheres nessas atividades.

“Porque se a gente não lutasse a gente não iria ter o que a gente tem hoje”

Minha mãe me contava a história da avó dela, que era a mãe da mãe dela, que elas vieram fugida e foram morar em um lugar aqui que se chama muiberga/engorda e nesse lugar ela criou família, e aí que veio as famílias né?! Que veio a mãe de mãe e as outras irmãs.

O relato acima conta a história de fundação do quilombo descrito por Rita Maria dos Santos, mais conhecida como “*Rita do quilombo*”, tem 58 anos de idade e é uma das mulheres

mais atuantes na luta e defesa da comunidade Pinguela. Nossa pesquisa centra-se nela, pelo seu histórico familiar à liga diretamente com a fundadora da comunidade¹⁷. “Minha mãe e toda e todas nossa família foram daqui. Vieram morar aqui, vieram fugida, minha avó foi escrava, vieram fugida do engenho aí vieram todos morar aqui, porque era tudo mata na época” (Dona Rita, entrevista, 2021).

Segundo sua memória afetiva e familiar, nasceu na comunidade pelas mãos de uma parteira. Relatando que “quando minha mãe veio pra aqui eu tava com 3 meses, ela tava com 3 meses de grávida de mim, quando a gente veio morar aqui” (Dona Rita, entrevista, 2021).

[...] eu fui nascida aqui com a parteira, todos meus irmãos que nasceram foi de parteira, na época não tinha médico, não tinha Hospital como hoje né?! Tanto que eu tive uma tia, que era irmã de minha mãe, que ela teve 11 filhos, nos 12 ela faleceu de parto porque quando começou a tender nos hospitais ela não ia, pois ela dizia que homem nenhum via o corpo dela a não ser o marido dela e nisso ela morreu de parto, morreu ela e o bebê porque ela teve hemorragia e o bebê nasceu morto aí ela faleceu, por que a gente não tinha, na época não era hospital era todo mundo em casa. O parto era em casa com a parteira (Dona Rita, entrevista, 2021).

Na comunidade é notória a relevância que ela possui, sendo considerada um símbolo de resistência e luta. Foi a primeira Coodenadora da Associação Remanescentes de Quilombo da Pinguela (ARQP),

A Associação Remanescentes Quilombolas é... da qual eu fui umas das lideranças, presidente da associação e hoje eu não faço parte da coordenação porque eu já fiz 8 anos e já sai, hoje faço parte, já tem outro comando, mas continuou na liderança e continuou lutando pelos nossos objetivos. Teve uma liminar aí que a juíza deu dano pelos poderes pra Usina Aliança na época, agora recente a gente lutamos corremos atrás e graças a Deus ela desistiu dessa liminar e hoje estamos aguardando, aí a gente tá vendo se o STF dão o direito da gente ter a titularização das terras, mas nós continuamos lutado pelos nossos objetivos, cortando né! Plantando aipim, mandioca tudo que a gente tem direito de plantar (Dona Rita, entrevista, 2021).

Mesmo depois que acabou seu período de oito anos de mandato, continua atuando ativamente neste processo. As atividades de liderança perpassam o seu cotidiano. Pude observar que na Associação Remanescentes de Quilombo da Pinguela (ARQP), as mulheres se organizam politicamente sob a liderança de Dona Rita.

¹⁷ É unanime na comunidade, de que a fundação deste território se constituiu através de uma “escrava fugida”, que foi para essa região e constituiu uma família.

[...] agora mesmo a gente já mandou um ofício para o Ministério Público, que é muito boi aqui e pula pra roça da gente, quebra cerca da gente, aí a gente fizemos o ofício e vamos para o MP que é para lutar pelos nossos direitos ne?! Porque a gente luta tanto, pra depois as pessoas de fora, a gente nem tem animais, pras pessoas de fora querer soltar seus animal pra querer acabar com a nossa roça, aí a gente tem que lutar contra isso aí. (Dona Rita, entrevista, 2021).

Apesar de sua pouca escolaridade, Dona Rita mostrou-se astuta, no sentido dado por Michel de Certeau aos anônimos cotidianos com seus *ardis*, ao ponto de saber articular uma memória social coletiva comunitária com os saberes externos que os meios de comunicação de massa transmitiam. Ela incorporou as vivências dos trabalhadores rurais expostas nas mídias com suas experiências e os modos de vida às da sua comunidade rural, majoritariamente constituída por pessoas negras, entendendo que eles eram remanescentes de quilombo. “A gente passou a buscar nossos direitos através daí, a gente viu que tudo isso que a gente via na televisão, via nas redes sociais era tudo que a gente era e a gente é até hoje” (Dona Rita, entrevista, 2021).

Percebendo a importância de maior representação do quilombo externamente, Dona Rita buscou alcançar melhorias para a comunidade e concorreu na política municipal na última eleição de 2020 como candidata a vereadora pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Contudo, não conseguiu ser eleita.

Segundo seu depoimento, ela sempre teve a consciência de ser negra e de sua ancestralidade, através da oralidade “[...]os mais velho sempre contava a história deles, de como elas foram parar ali[...]” (Dona Rita, entrevista, 2018).

Vou te dizer uma coisa, como eu passei a me aceitar foi desde quando eu nasci, porque nós somos negros, a gente sempre foi negro, né? e como quilombola melhor ainda, mas eu já me aceitava muito antes de ser quilombola, porque nossa família toda, como eu falei são descendentes de escravos e a nossa convivência desde quando eu nasci até hoje é assim (Dona Rita, entrevista, 2021).

Carmélia Miranda, em seus estudos sobre as experiências históricas da Comunidade Quilombola de Tjuaçu-BA, investiga como as mulheres são fundamentais no desenvolvimento das comunidades negras rurais, as suas experiências vivenciadas e as lutas dessas por sobrevivência e de seus familiares

Nessa tradição feminina, no labirinto da memória, as mulheres vão aparecendo e deixando suas marcas, constituindo o principal foco como personagens das tramas locais. As narrativas orais tem possibilitado conhecer a trajetória de uma comunidade que teve suas origens marcadas pela compleição de um matriarcado, em contraponto ao patriarcado da tradição. Nessa tradição feminina, no labirinto da memória, as mulheres vão aparecendo e deixando suas marcas, constituindo o principal foco como personagens das tramas locais. As narrativas orais tem possibilitado conhecer a trajetória de uma comunidade que teve suas origens marcadas pela compleição de um matriarcado, em contraponto ao patriarcado da tradição (MIRANDA, 2014, p.112)

Considero importante a articulação entre o posicionamento político enquanto quilombola por Dona Rita e suas atitudes enquanto liderança no processo de Certificação Quilombola emitida pela Fundação Cultural Palmares – FCP, e na luta pela regularização das terras. O processo ainda corre junto ao órgão do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA.

Durante a década de 1980 “há uma maior importância dada às formulações interseccionais brasileiras, com o surgimento das primeiras organizações sociais negras que se dedicaram especificamente às demandas das mulheres” (Mariléa ALMEIDA, 2018, p. 47). As mulheres rurais, “começaram a participar em número crescente de sindicatos rurais e do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) nascente, bem como começaram a formar suas próprias organizações autônomas” (DEERE, 2004, p.176 apud SILVA, 2019, p. 51). Foi neste período que o “movimento organizado de mulheres trabalhadoras rurais em Feira de Santana teve início, no Sindicato de Trabalhadores Rurais de Feira de Santana – STRFS” (DEERE, 2004, p.176 apud SILVA, 2019, p.14).

Sem esquecer que, nesse período, no âmbito nacional, é marcado por reivindicações e estruturas redemocratização pós Ditadura Militar. Nesse momento Histórico do Brasil, vivia-se uma conjuntura política de resgate e valorização do negro, e o Movimento negro Unificado (MNU), passou a atuar junto as comunidades negras rurais (Karoline MONTEIRO, 2013, p.28).

Juntamente com as demandas do movimento feminismo negro muitas mulheres negras passaram a mobilizar por defesa, direitos agrários e sua autoafirmação do “ser quilombola”, buscando a permanência em territórios e propriedades antes habitadas por seus ancestrais e/ou antigos quilombos ou em fazendas que usaram escravização.

Na Comunidade da Pinguela, a tomada de consciência para a autoafirmação da identidade quilombola se deu a partir do momento em que se depararam com conflitos agrários.

Ao se sentir ameaçada, a mesma percebeu que fazia parte de um conjunto de grupos étnico-culturais, com direitos assegurados por lei, permitindo a permanência em seu território.

[...]na televisão, nas redes sociais a gente viu que nós tínhamos nossos direitos também, porque tudo que falavam era tudo que a gente tinha é... pesca, a gente pesca; farinha, a gente também faz; caruru também, samba de roda, tudo que se tem a gente viu que fazia parte dessas coisas, a gente viu que também tinha o direito, que nós fazia parte desse povo, então a gente foi buscar nossos direitos, fomos a luta, aí nós viemos entender que a gente era o mesmo povo, o mesmo povo negro, mesmo povo pobre, mesmo povo escravo daquela época (Dona Rita, entrevista, 2021).

O seguinte trecho do seu depoimento, aponta às experiências das quais as comunidades tradicionais emergiram ante as questões agrárias. Na Comunidade da Pinguela, seus componentes ao se sentirem ameaçados pela Usina de Açúcar Unial resignificaram e incorporaram os sentidos do conceito de quilombo, e se identificaram como “remanescentes”.

A gente tinha um conhecimento, mas a gente não...não teve aquela... atitude, mas depois que a gente viu a situação precária que vieram cercar a gente, pegou cercou só deixarão 15 m para a gente de terra e a gente não ia ter lugar de plantar, a parte era só esse lugar cercado, e o fundo era um pedaço mais ou menos desse aí que ainda tem arrame. Na época e tal... aí a gente viu que a gente tinha que buscar nossas origens, se a gente já tinha e porque já tava queto, aí a gente procurou nossos direitos (Dona Rita, entrevista, 2021).

Considero importante a análise desta fala para evidenciar alguns pontos. Primeiro, a percepção do direito à terra, enquanto direitos costumeiros. Segundo a referência aos costumes da “cultura da plantação” e da terra enquanto territorialidade. Terceiro, indicia evidências das mobilizações comunitárias ocorridas na Pinguela que, em sua grande maioria, partiram de iniciativas das mulheres.

Sobre o processo das mesmas Dona Rita enfatizou que “eu vi que a gente tinha que lutar pelos nossos direitos porque se a gente não lutasse, a gente não iria ter o que a gente tem hoje” (Dona Rita, entrevista, 2021). Ao analisar seus depoimentos, percebo a articulação em suas falas com uma cronologia, na qual situa, primeiro, uma ancestralidade negra, parte de sua memória social familiar

[...] a gente viu que nós tinha o direito a terra porque *temos uma geração, foi a geração de minha mãe, da minha bisavó*, do meu avô, de *toda a minha família que foram na época (vieram fugidos)*, criaram sua família e nós viemos pra cá (Dona Rita, entrevista, 2021, grifos nossos).

Em seguida enfatiza os elementos de tradições afro-baianas do mundo rural enquanto parte de uma memória social comunitária,

[...]tudo que a gente tinha, tudo que a gente era, era desse povo aí, *descendência de escravos, as nossas tradições né ?!* que tinha muitas tradições *samba de roda*, tinha *caruru*, a gente tinha muita coisa, e daí pra cá a gente viu que as nossas terras a gente tinha diretos nela (Dona Rita, entrevista, 2021, grifos nossos).

Por fim, aponta suas lutas com incorporação de elementos do discurso do movimento negro como neste trecho “[...]ter o reconhecimento como quilombolas, reconhecimento que somos os negros que lutam, que buscam e que derrama o seu suor pra atingir os seus objetivos com honestidade não tem coisa melhor” (Dona Rita, entrevista, 2021).

Segundo Carmélia Miranda os remanescentes de quilombos através das identificações históricas e culturais, constroem a base identitária do grupo e sua distinção em relação a sociedade abrangente.

Ademais, a identidade étnica é construída não pelas diferenças em si, mas pela tomada de consciência delas, que ganham significados ao se inserirem em sistemas sociais. Ao tomar conhecimento dessas diferenças, a população une-se em prol da sua cultura e, evidentemente, de sua identidade. A etnicidade serve, portanto, para pensar um novo tipo de sociedade, na qual convivem grupos de variadas origens que se pautam por diferenciadas instituições sociais (MIRANDA, 2014. p. 115).

Em 2014 a comunidade quilombo da Pinguela, em meio aos conflitos com a Usina de Açúcar Unial e no processo de tentativa da certificação como o reconhecimento de comunidade quilombola na Fundação Cultural Palmares, percebeu a necessidade de uma organização política.

Já vieram [pessoas da Usina] aqui...pra tirar a gente de qualquer jeito não, mas veio nesse sentido assim, por que ele vierão uns tempos, umas seis meses atrás, *cheio de truculência e uns mostrando que tava armado e tal*, foi... aí os meninos *tentando intimidar a gente*, a gente procurou a justiça, a gente foi pra CDA, Ministério Público e aqui no município de Amélia Rodrigues demos uma queixa na delegacia, que até hoje não foram investigar, ou talvez já foi... não sei também, para ver quem era as pessoas. Tivemos reunião também com Dr. Angêlo e todos da cúpula lá na CDA, mas já vieram sim, mas ele disseram que não, que não mandou esse tipo de gente, o povo vim fazer isso. Mas eles acharão que tinha que vir intimidar (Dona Rita, entrevista, 2018).

A comunidade procurou também a Secretaria de Políticas Públicas para minorias, umas das maneiras em que as Comunidades de Remanescentes de Quilombos e/ou Quilombos Contemporâneos possuem para se manter frente as frequentes brigas por territórios¹⁸.

Então foi fundada a Associação de Remanescentes de Quilombo da Pinguela – ARQP, que visa garantir os direitos sociais da comunidade. Em seu plano inicial o objetivo fundamental era

resgatar os traços culturais perdidos ao longo dos anos e promover um espaço de debate e resistência protagonizada pelos seus moradores. A associação tem servido também para promover o debate entre os próprios moradores do quanto é importante valorizar os elementos da cultura negra e de como a memória é fundamental para autonomia do povo negro. (Relatório da comunidade entregue a Fundação cultural Palmares, grifos nossos.)

A existência formal de uma Associação de Trabalhadores Rurais possibilitou a solicitação de implementos socio-comunitários agrícolas como o equipamento chegada-“casa de farinha”, entregue pela Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres – SPPM. Também foi encaminhado um trator, oriundo de programas de apoio do Governo Federal. Por fim, puderam participar de um curso de 3 meses pelo Instituto de Desenvolvimento Social e Agrário do Semiárido – IDESA¹⁹ para o manuseio da casa de farinha elétrica. Além destes implementos, receberam naquela época a quantia de R\$:1.000,00 para investir nas plantações.

A criação da Associação também permitiu a participação no projeto “*Vozes do canavial: relatos da comunidade quilombola da Pinguela - Amélia Rodrigues/Bahia*”, promovido pela Secretaria de Promoção da Igualdade Racial – SEPRMI, conseguindo o 3º lugar.

O viver da roça: entre o sol e a chuva os costumes da plantação

A agricultura é fundamental para a sobrevivência dos quilombos em quaisquer de suas modalidades. Para Décio Freitas a “agricultura formava a base da produção econômica. As roças se situavam o mais próximo possível do quilombo, abrangendo a cultura de toda classe

¹⁸ Certa vez os moradores da Pinguela tiveram suas terras invadidas e cercadas pela Usina Unial, os deixando quase sem espaço para plantar.

¹⁹ Trata-se de uma organização associativa, hoje reconhecida como Organização Não Governamental – ONG, formada por profissionais especialistas em desenvolvimento e gestão de programas e projetos que se referem às políticas públicas em âmbito nacional, que estejam relacionadas ao desenvolvimento social e econômico integrado e sustentável, e que tenham como foco, a promoção da autonomia e qualidade de vida de pessoas que estejam em situação de vulnerabilidade.

de gêneros alimentícios, numa variedade que a sociedade escravista desconhecia” (Décio FREITAS, 1980. p.43).

Conforme Clóvis Moura (2020) os quilombos históricos criaram uma economia de subsistência e troca, muitas vezes regionalmente, levando em consideração as disponibilidades das sementes na região e se aproveitavam da abundância. Segundo este autor, mesmo em regiões como Amazonas e Minas Gerais, em que predominava o extrativismo, a agricultura se fez presente.

Não se limitavam à monocultura das *plantations*, mas ao contrário, aproveitando-se dos recursos naturais regionais e de elementos retirados das fazendas e dos engenhos, dinamizaram uma agricultura policultora-comunitária, que satisfazia as necessidades dos quilombolas e ainda produzia um excedente comerciável (MOURA, 2020. p.53)

No recôncavo baiano, nos quilombos formados no pós-abolição, a prática da agricultura continuou essencial. Walter Fraga (2006), para o recôncavo baiano, destaca que muitos dos ex cativos continuaram trabalhando para seus antigos senhores. Outros migraram para outras fazendas, através do sistema arrendamento, recebendo um pedaço de terra na qual poderia cultivar gêneros de subsistência. Parte de suas atribuições no sistema era trabalhar em períodos alternados nas lavouras de canas.

Na atualidade, nas denominadas Comunidades Remanescentes de Quilombos, os costumes do plantio continuam sendo essenciais para a manutenção e sobrevivência ainda que não seja o único meio econômico.

Sobre os costumes de uso da terra em quilombos, Carlídia de Almeida ao se referir ao quilombo da Lagoa dos Patos em Bom Jesus da Lapa, comunidade na qual faz parte, afirma a existência de saberes consolidados neste povo tradicional sobre o manejo das sementes e a existência de técnicas de plantio baseadas no uso consciente da água e do solo relacionadas as simbologias de uma ancestralidade. Nas suas palavras, referentes a sua comunidade, “Essa forma ancestral de manejar e envolver-se com a terra consolida um sentimento de pertencimento ao território, que forma a base de resistência dos povos tradicionais” (ALMEIDA, 2020. p. 152).

Essa leitura me inspirou um olhar diferenciado aos costumes de plantio nas visitas de campo, na Comunidade de Remanescentes de Quilombos da Pinguela. Durante a realização da pesquisa, foi evidente que o cultivo é voltado para subsistência familiar, ainda que haja a comercialização em alguns casos. As culturas mais comuns são o feijão (*Phaseolus sp.*), a

mandioca (*Manihot esculenta*), o milho (*Zea mays*), a alface (*Lactuca sativa*), a banana (*Musa sp.*).

A investigação efetuada – pesquisa de campo e entrevistas – evidenciou que as mulheres constituem um grupo fundamental na agricultura na comunidade da Pinguela corroborando a bibliografia existente sobre outras comunidades rurais tradicionais. São elas quem plantam, colhem, produzem os produtos primários e seus derivados, como a farinha e o beiju), e vendem. Em alguns casos dividem um território comunitário. Sobre este costume, Dona Rita contou que na comunidade “é um ajudando o outro, se hoje eu for fazer [farinha] alguém me ajuda, se amanhã outros for fazer, eu vou e ajudo” (Dona Rita, entrevista, 2021).

A pesquisa de campo, assim como a entrevista com D. Rita, permitiu evidenciar que na Comunidade de Remanescentes de Quilombo da Pinguela são cultivados diversos gêneros, dependendo da época de cultivo de cada semente.

Agora mesmo a gente tá plantado aipim, como vocês tão vendo, a gente tá plantando alface, inclusive já testei, porque a gente aqui tem uma dificuldade de água, a gente não tem uma plantaçaõ imensa por causa da água, a gente não tem muita água por aqui, a gente precisa de um poço artesanal, se a gente tem um poço aqui, a gente já tava lá em cima de plantaçaõ, é muito seco (Dona Rita, entrevista, 2018).

Em uma nova entrevista realizando no ano de 2021, Dona Rita falou sobre outros gêneros produzidos na comunidade e sobre como organizam a parte da produção para o comércio. São produzidos o milho, amendoim, laranja, limão, coco, cebola, jiló, hortelã.

Aqui na comunidade a gente faz de cada coisa um pouco, a gente planta aipim, feijão... agora o sol começou né?! não vai dá mais pra plantar, mas faz farinha [...] E a vida da gente aqui é assim, a gente tá na roça trabalhando, agora tou plantando alface, couve, chuchu, quiabo... e agora nós conseguimos sementes de açafraõ, já temos a raiz do açafraõ, sem ser o pozinho, agora temos o pé mesmo do açafraõ e agora a gente já está plantando pra poder vender bastante e é isso aí (Dona Rita, entrevista, 2021).

A entrevista de D. Rita evidencia a relação dos costumes de plantio com a natureza, as mudanças climáticas, no modo de plantar como no “*agora o sol começou né?! não vai dá mais pra plantar*”. Em outro trecho desse relato Dona Rita também fala “*agora hoje mesmo eu tava na roça, cheguei agora cinco e pouca, tava limpando aipim que tá cheio de mato a gente não podia deixar, agora que tá fazendo sol a gente tava limpado.*” Da leitura dos mesmos pude evidenciar que durante a estação da chuva é feita a plantaçaõ. Na estação de sol, é feita a limpeza

e colheita. É o momento também da produção dos derivados do aipim e da mandioca como a massa puba, o beiju e a farinha.

São evidentes que os costumes de plantio são baseados na observação e uso do clima, aproximando-se do que E.P.Thompsom destacou em *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*, para as sociedades rurais tradicionais, nas quais as jornadas de trabalho são marcadas pelos ritmos do tempo Social X Natureza. Os fenômenos atmosféricos associada as estações do ano, baseiam a organização temporal das atividades, principalmente da cronologia do plantio.

O trabalho do amanhecer até o crepúsculo pode parecer “natural” numa comunidade de agricultores, especialmente nos meses da colheita: a natureza exige que o grão seja colhido antes que comecem as tempestades. E observamos ritmos de trabalho “naturais” semelhantes acompanhado outras ocupações rurais ou industriais: deve-se cuidar das ovelhas na época do parto e protegê-las dos predadores.

[...] A noção de tempo que surgem nesses contextos tem sido descrita como orientação pelas tarefas. Talvez seja a orientação mais eficaz nas sociedades camponesas, e continua a ser importante nas atividades domésticas e dos vilarejos (THOMPSON, 1998. p. 271).

Sobre estes costumes de plantio com base nos ritmos climáticos, Toledo & Barreira-Bassols analisam que “No âmbito da agricultura familiar, o calendário agrícola em geral é orientado pela conjugação de fatores climáticos, estações lunares e mudanças na paisagem ao longo dos meses” (TOLEDO; BARREIRA-BASSOLS 2015 apud HAIALA, 2021, p.24).

A ressaltar que mudanças vem ocorrendo nos costumes de plantio. Segundo Dona Rita, a técnica da fabricação do azeite de dendê, que foi passada de geração em geração, uma técnica muito forte na comunidade, está se perdendo. Na sua perspectiva por dois motivos: primeiro, a técnica do plantio foi se perdendo ao longo dos anos, decorrente das mortes dos mais velhos.

Outro problema relatado foi que a plantação que eles ainda têm da palmeira de dendezeiro situa-se distante das proximidades de moradia do quilombo, sendo hoje, um local de esconderijo da criminalidade por ser uma mata fechada. “A gente faz azeite, que era a cultura de minha avó, de minha mãe, ela fazia muito azeite, a gente ainda faz, nesses últimos dias a gente não tá arrancando muito dendê porque a violência tá muita” (Dona Rita, entrevista, 2018).

Para além destes costumes de plantio, nos quais as mulheres coletivamente, e baseadas em costumes ancestrais operacionalizam técnicas agrícolas via saberes tradicionais locais, é importante ressaltar que foi observado também que não há uma divisão do trabalho rígida entre homens e mulheres na produção agrícola na comunidade. Contudo, o depoimento de D. Rita e

a observação de campo indiciam que os homens executam trabalhos externos, reforçando o protagonismo feminino nas atividades quilombolas estritos.

Considerações finais

A presente pesquisa buscou analisar a trajetória da Comunidade Remanescente de Quilombo da Pinguela, enfatizando as experiências das mulheres enquanto ativas nos processos de reconhecimento na qualidade de quilombos contemporâneos e como fundamentais na preservação da comunidade. Foram elas quem se organizaram inicialmente como uma associação proporcionando a geração de uma economia dentro da comunidade, assim como a permanência neste território.

Compreender a vida e as histórias dessas mulheres – que são mães, filhas netas, trabalhadoras rurais – possibilitam um maior entendimento, visto que, estes vão além do processo organizacional, já que elas estarem ou não disponíveis para esse trabalho coletivo nas plantações e na produção independem dos desafios que elas enfrentam na vida pública e privada. São mulheres que sonham, batalham e lutam por um futuro melhor. Mulheres que querem liberdade, empoderamento, justiça, respeito e igualdade.

Portanto, procurei visibilizar as experiências cotidianas dessas mulheres quilombolas, que carregam a marca da ancestralidade. Mulheres que carregam um lugar de fala, mas que historicamente foi negado. Mulheres que conseguiram fazer da dificuldade sua luta coletiva para prosseguir por dias melhores.

Nas visitas de campo que realizei no decorrer da investigação foi possível perceber como as mulheres são agentes ativas dentro e fora da comunidade e como protagonizam o cotidiano do Quilombo da Pinguela. Nos afazeres do campo, no espaço doméstico da casa, no comércio, na conservação das tradições, nas lutas por permanência no território, e em todas as atividades comum ou comunitária a liderança feminina é protagonizada.

Deste modo, considero que enfatizar o protagonismo dessas mulheres se faz necessário, visto que, por mais que elas estejam de frente na linha de combate nos quilombos, ainda constituem a base da pirâmide social e sofrem discriminação de gênero, por serem mulheres; classe, por serem pobres; socio racial, por serem negras; e ainda acrescento étnica, por serem quilombolas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlídia Pereira de. Sementes Crioulas, da ancestralidade para a atualidade: o protagonismo dos saberes tradicionais do povo quilombola de Lagoa do Peixe. In: *Mulheres Quilombolas: território de existências negras femininas*. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Mariléa de. *Território de afetos: Práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2018.

FRAGA, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2006.

FREITAS, Décio. *O escravismo brasileiro*. Instituto Cultural Português, Escola Superior de Teologia, 1980.

GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. Editora Companhia das Letras, 2015.

HAIALA, Leticia de Assis. *A mulher e a agricultura quilombola no Vale do Ribeira (SP): narrativas sobre conhecimento, memória e cotidiano*. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal de São Carlos - Campus Sorocaba, 2021.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. As mulheres quilombolas de Tijuacu-BA: vivências cotidianas, trabalho e enfrentamentos. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, n. 13, 2014.

MONTEIRO, Karoline dos Santos. *As mulheres quilombolas na Paraíba: terra, trabalho e território*. Dissertação de Mestrado – Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba – UFP, 2013.

MOURA, Clóvis. *Quilombos: resistência ao escravismo*. Editora Expressão Popular, 1ª Ed: São Paulo, 2020.

SILVA, Naiane Rodrigues da. *Associação Nossa Senhora das Candeias: maternagem e movimento de mulheres pretas (1980-2004)*. Dissertação de Mestrado – Programa de pós-graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, 2019.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum - Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.